

INVENIRE

REVISTA DE BENS CULTURAIS DA IGREJA

N.º 12 Jan.-Jun. 2016 | 9 €



MITOLOGIA GRECO ROMANA
azulejo em espaços religiosos

RAINHA SANTA ISABEL
obras seiscentistas

portfolio FÉ E RAZÃO: ESCULTURA EM COIMBRA
IMAGINÁRIA: DE CÁ, PARA LÁ **opinião**





sumário

INVENIRE

Revista de Bens Culturais da Igreja

INVENIRE é uma edição do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, organismo da Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais.

Directora Sandra Costa Saldanha

Conselho editorial Ana Calvo, *Conservação e Restauro*; António Filipe Pimentel, *Arquitectura*; Artur Goulart de Melo Borges, *Inventário*; Carlos Moreira Azevedo, *Iconografia*; Fernanda Maria Campos, *Bibliotecas*; José António Falcão, *Museus*; Maria de Fátima Eusébio, *Artes Decorativas*; Nuno Saldanha, *Pintura*; Pedro Penteado, *Arquivística*; Rui Vieira Nery, *Música*; Sandra Costa Saldanha, *Escultura*

Colaboram neste número Ana Paula Rebelo Correia; Ana Rita Carvalho; António Marujo; Catarina Fernandes Barreira; Helena Loureiro; Helena Osswald; Luís Miguel Rêpas; Maria de Lurdes Craveiro; Ricardo Figueiredo; Rui Carita; Sandra Costa Saldanha; Vitor Serrão.

Fotografia Alexandre Salgueiro; Alfredo Rocha; Ana Paula Rebelo Correia; Arnaldo Soares - DGPC-ADF; Arquivo Fotográfico do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança; Biblioteca Nacional de Portugal; Carlos Pombo - Fundação Eugénio de Almeida; Catarina Fernandes Barreira; Confraria da Rainha Santa Isabel; Departamento dos Bens Culturais da Diocese de Viseu; Fine Arts Museums of San Francisco; Francisco Piqueiro - DRCN; José Paulo Ruas - DGPC-ADF; José Pessoa - DGPC-ADF; Luís Miguel Rêpas; Luísa Oliveira - DGPC-ADF; Nuno Saldanha; Rijksmuseum; Universitäts-Bibliothek Heidelberg.

Assinaturas e publicidade Rui Almeida

Design e composição SNBCI

Impressão e acabamento Sersilto

Distribuição Vasp

ISSN 1647-8487

Depósito legal 316372/10

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Quinta do Cabeço, Porta D
1885-076 Moscaide
t. 218 855 481; f. 218 855 461
e. revistainvenire@bensculturais.pt
www.revistainvenire.pt

Conteúdos redigidos segundo a antiga ortografia, excepto nos casos em que os autores optaram pelo uso do novo acordo.

5 Editorial

■ INVESTIGAÇÃO

- 6 Temas da mitologia greco-romana nos revestimentos de azulejo em espaços religiosos
Ana Paula Rebelo Correia

■ PORTFOLIO | Diocese de Coimbra

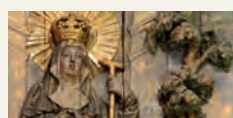
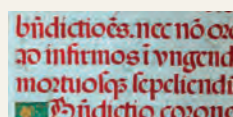
- 19 A imagem esculpida: Fé e Razão na retórica do poder espiritual em Coimbra
A escolha de Maria de Lurdes Craveiro

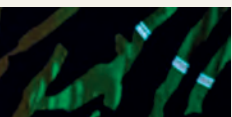
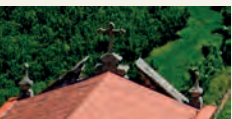
■ OBRAS EM DESTAQUE

- 28 Um *Ritual* de Alcobaça em Salzedas
Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas
- 36 A primeira obra do pintor Francisco João: o retábulo da igreja matriz de Terena (1558)
Vitor Serrão
- 44 Imagens seiscentistas da Rainha Santa Isabel: os retábulos da igreja de Santa Clara-a-Nova em Coimbra
Ana Rita Carvalho
- 50 Variações de um *São João Baptista*: obras inéditas de Joaquim José de Barros Labo-
rão (1762-1820)
Sandra Costa Saldanha

■ PROJECTOS

- 56 Beja | Festival Terras sem Sombra de Música Sacra
Helena Loureiro
- 58 Porto | Christus: núcleo museológico da Irmandade dos Clérigos do Porto
Rui Carita
- 60 Porto | Arquivo Histórico da Irmandade dos Clérigos: preservar, descrever e difundir o património
Helena Osswald
- 62 Viseu | Próxima etapa em Viseu: aproximar as comunidades locais do património artístico
António Marujo
- 64 Dominicanos | 800 anos dos Dominicanos: teologia, património, música e arte
António Marujo
- 66 SNBCI: Inventário, Conservação e Restauro: formação e boas práticas





■ OPINIÃO

- 72 De cá, para lá: o sentido da imaginária devocional
Sandra Costa Saldanha

74 ■ RECENSÃO

76 ■ LIVROS

Capa: Anjo Custódio do Reino, Diogo Pires-o-Moço, Calcário, c. 1518
MNNM, Prov. Igreja do Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra
Foto José Pessoa / DGPC-ADF

Um *Ritual* de Alcobaça em Salzedas

CATARINA FERNANDES BARREIRA*, LUÍS MIGUEL RÊPAS**

*IEM - FCSH/UNL

**IEM - FCSH/UNL e CHCS - FLUC

O PERCURSO DE UM MANUSCRITO: “DA LIVRARIA DA SALZEDA” ATÉ SALZEDAS

Recentemente, tomámos conhecimento de que se conserva, na igreja paroquial de Salzedas, um antigo códice iluminado, à guarda do pároco local, o Sr. Padre Adriano Filipe Assis. Trata-se de um manuscrito litúrgico, de finais do século XV ou inícios do século XVI, que surpreende, desde logo, pelo bom estado de conservação e que se encontra praticamente inédito, uma vez que não integra qualquer inventário, o que é desconhecido dos meios académicos. Na abertura do códice regista-se a anotação “Da liuraria. Da Salzedas”, daí se depreendendo que, a dada altura, o mesmo terá pertencido à abadia de Santa Maria de Salzedas, uma casa monástica habitada por monges cistercienses, cuja fundação remonta ao século XII, associada a D. Teresa Afonso, viúva de D. Egas Moniz, *o Aio*.

No entanto, é provável que este antigo manuscrito tenha sido alienado no segundo quartel do século XIX, por altura da extinção das ordens religiosas, uma vez que passou para as mãos de particulares. Do seu percurso recente, pelo ex-libris apostado nas guardas de papel, percebe-se que integrava a colecção particular de António Emídio Ferreira de Mesquita da Silva Capucho e sabe-se que, em 2009, tendo falecido o seu proprietário, haveria de ser levado a leilão, juntamente com a sua restante biblioteca¹.

Por essa altura, o Dr. Filomeno Amaro Soares da Silva ter-se-á apercebido de que um manuscrito “da livraria da Salzedas” estaria para ser leiloado e fez chegar essa informação ao Sr. Padre António José Ferreira Seixeira, à época pároco de Salzedas, que imediatamente empreendeu esforços para o adquirir. Para tal, solicitou um apoio financeiro à Câmara Municipal de Tarouca, que disponibilizou a verba



Igreja de Santa Maria de Salzedas

Foto Francisco Piqueiro - DRCN

de 9000 euros para a compra do referido códice, e ter-se-á deslocado ao Palácio do Correio Velho, no dia 7 de Maio de 2009, com o intuito de o arrematar. Do que se passou no leilão deu conta ao Presidente da Câmara o referido pároco, por ofício datado de 12 de Maio de 2009².

De acordo com esse documento, o leilão do manuscrito atingiu valores superiores aos esperados, tendo sido adquirido por um comprador anónimo, pela quantia de 14750 euros. Aí se relata ainda que, sensibilizado pelo interesse do

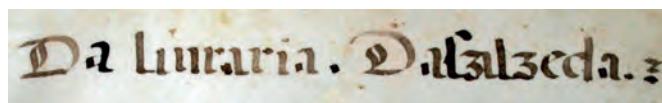
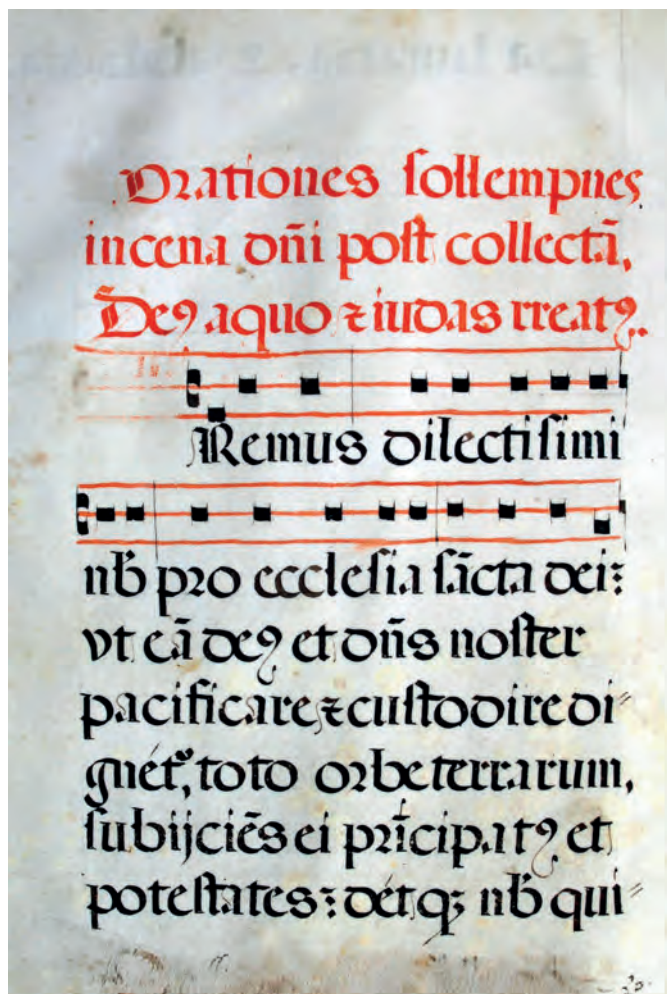


pároco e dos paroquianos de Salzedas, o referido comprador acabou por ceder o manuscrito à paróquia de Salzedas, por 9000 euros (a soma disponibilizada pela Câmara Municipal de Tarouca), prescindindo do valor remanescente.

O regresso do manuscrito a Salzedas deveu-se, assim, ao esforço comum do anterior pároco - que envidou todos os esforços ao seu alcance no sentido de comprar o códice -, da Câmara Municipal de Tarouca - que disponibilizou 9000 euros para a sua aquisição³ - e da pessoa que o arrematou

em leilão e que dele prescindiu por um valor inferior ao da compra, tendo expressamente solicitado o anonimato.

Trazido o manuscrito para Salzedas, foi apresentado aos paroquianos, os quais, mais tarde, após o falecimento do referido pároco, alertaram o seu sucessor, o Sr. Padre Adriano Filipe Assis, para a existência do referido códice na residência paroquial. Tendo sido encontrado pelo pároco actual, que o conserva com grande cuidado, foi-nos gentilmente disponibilizado para que pudesse ser estudado e divulgado.



Ao lado: Oração universal, fl. 1 v.

Em cima: Detalhe do fólio de guarda

Na página seguinte: Sumário do conteúdo do manuscrito, fl. 4 (A I)

Ritual, finais do século XV - inícios do século XVI, paróquia de Salzedas
Fotos Catarina Fernandes Barreira e Luís Miguel Rêpas

BREVE DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA E LITÚRGICA DO MANUSCRITO

O manuscrito encontra-se num bom estado de conservação e possui uma encadernação com pastas de papelão, cobertas com pele castanha, com decoração a dourado na lombada, com quatro nervos e cujas linhas de costura são em linho ou cânhamo. No fólio de guarda, em pergaminho escurecido, são visíveis marcas (furos) relativas à presença de fechos, de que a actual encadernação não exhibe quaisquer vestígios. Estes indícios permitem-nos concluir que esta encadernação não é a primitiva, e acreditamos, a partir das suas características, que a encadernação actual date, talvez, de finais do século XVI, ou da centúria seguinte.

O códice mede 155 x 213 mm (encadernação) e é constituído, actualmente, por 76 fólhos, organizado em quaternos, à excepção de duas adições, de que trataremos mais adiante. Não apresenta foliotação moderna, existindo apenas a da época: letras maiúsculas seguidas de números romanos, a designar os primeiros quatro fólhos de cada caderno (AI, AII, AIII e AIIII, e assim, sucessivamente, até ao caderno I). As adições, por sua vez, não têm foliotação. O texto está organizado numa só coluna, com doze linhas, cuja caixa de texto mede 100 x 140 mm, à excepção das referidas adições. Está escrito em letra gótica, mais concretamente *littera textualis formata* (Carvalho, 2010: 99).

Do ponto de vista litúrgico, o manuscrito começa por uma adição, incompleta, uma vez que não foram realizadas

as iniciais iluminadas e parte da notação musical ficou também por fazer. Este caderno, composto por quatro fólhos, começa, no fl. 1, por exhibir a frase "Da liuraria. Da Salzedā", reunindo, depois, a partir do fl. 1v, um conjunto de orações, designadas por Oração Universal *in coena domini*, que se destinavam a ser lidas e/ou cantadas pelo celebrante na missa de Sexta-feira Santa. Aí se copiaram apenas as orações pela Santa Igreja, pelo Papa e pelo Clero e fiéis, até ao fl. 3, esta última incompleta, embora o fl. 3v se encontre em branco.

No fl. 4 (fl. A I) começa o núcleo deste manuscrito. Desde logo, regista-se, a vermelho, um sumário do conteúdo litúrgico do códice, embora sem uma correspondência perfeita com o texto: "In hoc volumine continentur novitiorum et ecclesiasticorum ornamentorum benedictiones nec non ordo ad infirmos in unguendum mortuosque sepeliendum". De seguida, o início da *Ordo benedicendi monachum professum*, ou profissão dos monges, foi assinalado com a maior inicial iluminada do manuscrito, que ocupa cinco linhas. A ela voltaremos mais adiante.

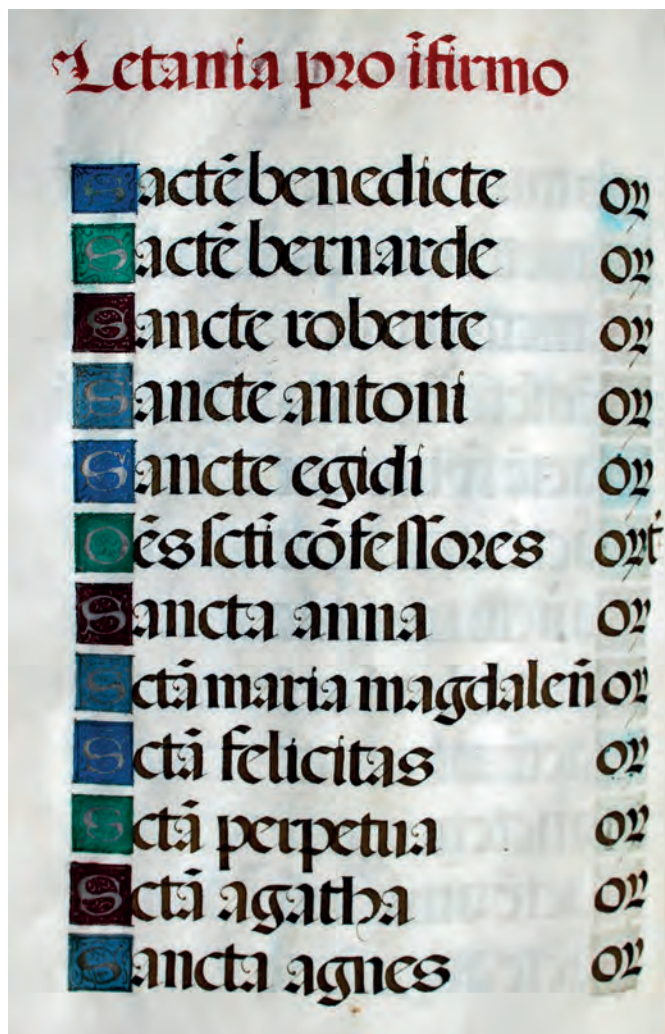
Depois desta *Ordo benedicendi monachum professum*, e na sequência do anúncio da *Benedictio vestimentorum sacerdotalium* surge uma nova adição, constituída por um caderno de quatro fólhos, inserido depois do segundo fólio do terceiro caderno (ou caderno B). Esta adição (fl. 14 ao fl. 17v), que não consta da síntese que surge no início do manuscrito, é uma *Benedictio monialium* - a bênção das recém-professas e a entrega de símbolos; neste caso, a cogula (*cuculam*) e o

In hoc volumine
continēt nouitior et
ecclesiasticor ornamētor
bñdictioēs. nec nō ordo
ad infirmos i vngendū
mortuosqz sepeliendū.

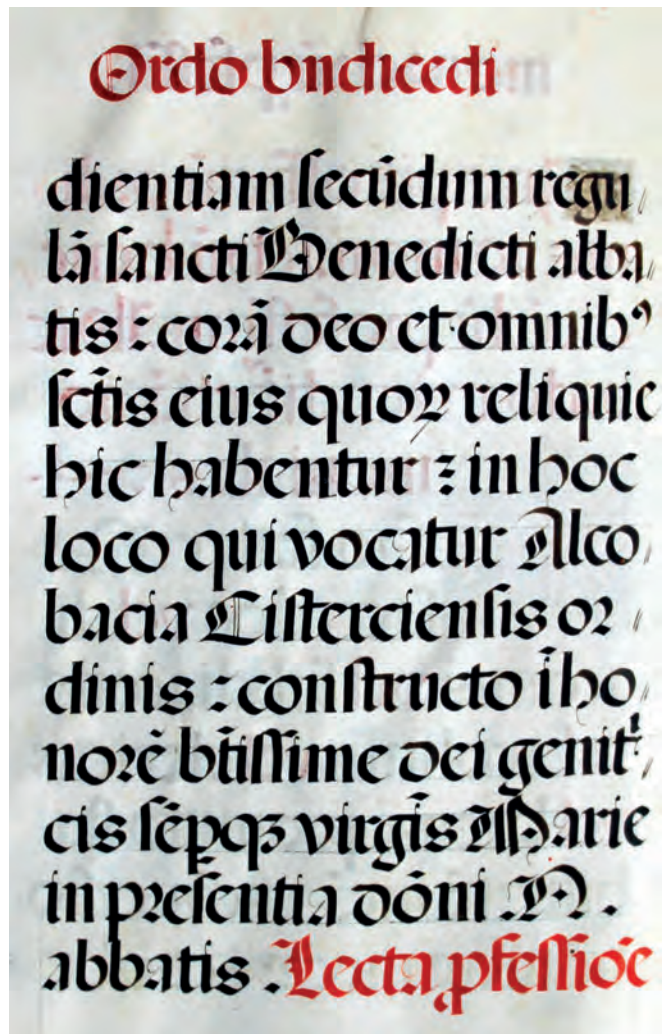
Bñdictio corone.



Dñs vobcu :
Remus dile
ctissimi dñs
nrm iesu xps
p hoc famlo



Ladainha, fl. 37 v.



Ritual da profissão dos monges, fl. 6 v. (A III v.)

manto (*mantellum*). Olhando para os fólhos anteriores e para os posteriores, emerge uma sequência de orações para abençoar vários símbolos da vida religiosa (quer na parte masculina, quer, neste caso, no caderno feminino). Antes, na parte masculina, o hábito monástico; e a seguir, também na parte masculina, as vestes sacerdotais. No caderno dedicado à parte feminina, para além da cogula e do manto, abençoa-se o véu (*benedictio vl'n, velaminis; Quando dat velamen dicat*). Estas orações deveriam integrar o ritual de profissão monástica das religiosas.

No fl. 18 (B III) continua o terceiro caderno, com a bênção das vestes sacerdotais, neste caso a estola, assinalada com uma inicial ornada. Estas bênções das vestes, dos cálices e dos óleos alongam-se até ao fl. 24 (C I).

A partir do fl. 25 (C II) tem início a *Ordo ad inungendum infirmum*, ou ritual da unção dos doentes, sacramento que revela especificidades inerentes a cada ordem religiosa. Segundo Joaquim O. Bragança, o ritual cisterciense é caracterizado pela simplicidade: “as unções são feitas todas a seguir umas às outras, sem qualquer salmo ou cântico de permissão” (Bragança, 2008: 426). O presente manuscrito exibe pequenas notas interlineares, com a variação feminina de algumas palavras, a vermelho: por exemplo, *famulum / ancilam, tuum / tuam* ou *correctum / correctam*. A juntar à

inclusão da bênção das recém-professas, é mais um indício do uso deste manuscrito em casas masculinas e femininas. Este ritual de unção dos enfermos vai até ao fl. 35 (D IIII), onde tem início a Ladainha dos Santos, uma recitação destinada aos irmãos enfermos. A ladainha é de origem cisterciense: a seguir a S. Bento, surge S. Bernardo e S. Roberto (fl. 37v). Na parte que diz respeito às santas virgens, primeiro temos Santa Ana e só depois Maria Madalena (fl. 37v).

Em seguida, no fl. 40 (E I), tem início a *Ordo ad inhumandum fratrem mortuum*, ou ritual dos defuntos, que se estende até ao fl. 69; também neste ritual se registam, nos espaços interlineares, designações no feminino. Por fim, o manuscrito termina com uma *collecte pro defunctis*, ou procissão no aniversário dos defuntos, incompleta (fl. 69v ao 76v), sendo ainda visível a pestana de, pelo menos, dois fólhos, cortados.

DESTINATÁRIO DO MANUSCRITO

Foi no texto respeitante ao ritual da profissão dos monges que encontramos indicações claras acerca do destinatário do manuscrito. No fl. 6v (fl. A IIIv) pode ler-se: “Obedientiam secundum regulam Sancti Benedicti abbatis et coram Deo et omnibus sanctis eius quorum reliquie hic

habentur in hoc loco qui vocatur Alcobacia Cisterciensis ordinis et constructo in honorem beatissime Dei genitricis semperque virginis Marie in presentia domni N. abbatis”, ou seja, “obediência, segundo a Regra do Abade S. Bento, e perante Deus e os seus santos, cujas relíquias estão aqui, no lugar de Alcobaca, da Ordem de Cister, construído em honra da Santa Mãe de Deus, Maria, sempre virgem, na presença do abade D. [...]”. Assim, o códice foi feito para ser usado em Alcobaca, pois o voto ocorria naquele lugar específico. No entanto, pela adição que contém a bênção das recém-professas e pelas notas interlineares, sabemos que o manuscrito foi posteriormente intervencionado para ser usado num contexto feminino. Teria sido pensado, de início, para Alcobaca e funcionado, depois, como um manuscrito que também serviria de apoio ao mosteiro vizinho de Santa Maria de Cós?

Os diferentes rituais que constam neste manuscrito aparecem dispersos em vários códices do Fundo de Alcobaca. Por exemplo, os rituais da unção dos enfermos e dos mortos aparecem nos seguintes livros litúrgicos, quase todos breviários, datados entre os séculos XIII e XV: Alc. 29; Alc. 54, Alc. 66, Alc. 67, Alc. 165; Alc. 166, (Melo, 1930-32 e Bragança, 2008: 426). O ritual da profissão dos monges, em particular, aparece no Missal Alc. 26, datado do primeiro quartel do século XIV, numa adição dos finais do século XV ou do início da centúria seguinte, entre os fólhos 2v e 4v. Na adição a este missal, não se designa o mosteiro a que o texto se destina, ou seja, em vez das palavras “in hoc loco qui vocatur Alcobacia cisterciensis ordinis”, no Alc. 26 menciona-se apenas “in hoc loco qui vocatur ille”. O mesmo se verifica num manuscrito muito mais tardio, já do século XVII, o Alc. 106, que reúne também a profissão dos monges e a bênção das Virgens.

DECORAÇÃO ILUMINADA E *SCRIPTORIUM* DE ORIGEM

Este manuscrito foi exclusivamente decorado com iniciais ornadas, circunscritas num rectângulo ou num quadrado de cor, contornadas, cujo fundo foi enriquecido com finas ramagens. Do ponto de vista da hierarquização do texto, o início do núcleo do manuscrito foi assinalado com a maior inicial de todo o códice (ocupando cinco espaços interlineares), a qual é dourada, tal como as ramagens que a decoram, sobre fundo *lacre* (vermelho-escuro). Nos diferentes rituais, a assinalar as partes em que se subdividem, surge o mesmo tipo de iniciais, mas de menor dimensão, ocupando dois ou três espaços, em prateado sobre fundo de cor. Do ponto de vista hierárquico, a cor dourada usada nas iniciais e nas ramagens assinala o mais importante e a cor prateada pontua o início das secções internas. No entanto, tanto no ritual de unção dos enfermos como no dos mortos foi usado exclusivamente o prateado, omitindo-se o dourado.

Os fundos das iniciais apresentam apenas quatro cores, utilizadas em alternância, que por vezes aparecem anotadas nas margens, com as seguintes designações: *verde*, *asur*, *lacra* e *purpura* (que, no estado actual, se assemelha a um outro tom de azul, ligeiramente acinzentado).

A adição exhibe iniciais ligeiramente distintas: o verde de fundo é diferente, as iniciais são todas douradas e os *rincaux* que decoram o fundo são também distintos, menos expressivos, de contornos mais grossos. As iniciais da adição são todas contornadas por duas linhas, douradas também. No que concerne à ornamentação secundária, na adição, as cruzes rituais - uma indicação para o leitor/celebrante - são em tudo semelhantes às outras iniciais da adição, com fundo de cor e em dourado, o que não se verifica no núcleo do manuscrito, onde as cruzes foram feitas a vermelho.

Apesar do destinatário deste manuscrito ser a abadia de Alcobaca, não temos indícios documentais que atestem que a sua produção tenha ou não ocorrido no *scriptorium* alcobacense. Sabemos que este *scriptorium* esteve a funcionar entre 1483, ano em que faz o Alc. 63, um Ordinário do Ofício Divino (Barreira, 2015), e 1526, quando produz o Alc. 82, também um Ordinário do Ofício Divino, mas em papel e cuja decoração - desenhos feitos à pena - mostra a adaptação do *scriptorium* a outro material de suporte. No entanto, este manuscrito não tem, no conjunto de manuscritos do Fundo de Alcobaca que chegaram até nós, nenhum outro que se possa constituir como seu antecedente no que concerne à decoração iluminada. Até porque a produção de Alcobaca, ao longo do século XV, é caracterizada pelo uso da filigrana, que não está presente neste manuscrito.

Curiosamente, os códices que faziam parte da biblioteca de Alcobaca que mais se aproximam da decoração iluminada deste manuscrito são os quatro volumes da *Vita Christi*, de Ludolfo de Saxónia, BNP INC. 1541, impressos em 1495, em Lisboa, por Valentim Fernandes. Embora sejam impressos, as suas iniciais e as respectivas ramagens são muito semelhantes às iniciais deste manuscrito. Poderá a decoração iluminada deste manuscrito ter sido influenciada pela presença destes quatro volumes impressos?

PROPOSTA DE DATAÇÃO DO MANUSCRITO

O tipo de letra (*littera textualis formata*) e as características das iniciais iluminadas do manuscrito estão de acordo com uma tendência dos finais do século XV e dos inícios da centúria seguinte, entre 1490 e 1519, sensivelmente. Ou seja, corresponderia, grosso modo, ao período dos abaciados de D. Jorge da Costa, cerca de 1492/3 a 1505 (Gomes, 2000: 46), e de D. Jorge de Melo (1505-1519) (Gomes, 2006: 383 e 2007: 49).



Detalhe da inicial, com indicação da cor, fl. 25 v. (C II v.)

Por outro lado, nas *Visitações a Mosteiros Cistercienses* publicadas por Saul Gomes, há um documento de 1519, que é um traslado do inventário da sacristia de 1510, que menciona os livros que estavam guardados na sacristia e menciona um “lyvro de encomendar” (Gomes, 1998: 69). Será este manuscrito? Mais nenhum outro livro de encomendar e ungir de Alcobaça chegou até nós, o que não deixa de ser estranho, pois este tipo de livro era comum não só nas abadias – como, por exemplo, no Mosteiro de Seça, onde, em 1408, havia um “quaderno de emcomendar finados” (Marques, 2008: 269) –, mas também nas igrejas paroquiais (vejam-se as listas resultantes das visitas *in* Pereira, 1997). Por exemplo, na Igreja de Santa Eufémia de Cós existia “huum livro de oficio d’enterrar e encomendar e ungir e beenções e benzer agua” (Marques, 2008: 226). Também a biblioteca de Claraval tinha este tipo de livro, como se pode verificar no inventário feito pelo abade Pierre de Vi-rey, em 1472 (Vernet, 1979: 304 e 305).

NOTAS FINAIS

A investigação em torno deste manuscrito, desconhecido, como dissemos, do meio académico e do público, encontra-se

1. O riquíssimo espólio composto pela colecção e pela biblioteca de António Capucho foi objecto de um invulgar leilão, dividido em seis partes, cada uma com várias sessões (distribuídas por vários dias) que decorreram ao longo de dois anos. O presente manuscrito foi arrematado na terceira sessão da primeira parte do leilão, que teve lugar entre os dias 5 e 7 de Maio de 2009, tendo a terceira sessão correspondido ao último destes dias. O espólio leiloado apenas nestes três dias – pela empresa *Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades, S.A.* – encontrava-se dividido em 764 lotes, constituídos, sobretudo, por azulejaria, faiança portuguesa, pintura, escultura (essencialmente de temática religiosa), ex-votos, várias colecções de camafeus, mobiliário e, também, por um acervo de livros e manuscritos raros, de entre os quais se destacavam um número significativo de *cartas*

ainda na sua fase inicial, tratando-se, na verdade, de um *work in progress*. Há ainda muito por fazer, nomeadamente na contextualização e no confronto deste códice com outros manuscritos de Alcobaça, no apuramento das razões pelas quais o manuscrito foi de Alcobaça até Salzedas e da data em que isso aconteceu, bem como na determinação do seu *scriptorium* de origem. A confirmar-se a realização da cópia e iluminação em Alcobaça, este manuscrito abre novas perspectivas sobre a produção iluminada do *scriptorium* durante o abaciado de D. Jorge da Costa ou de D. Jorge de Melo.

Por outro lado, do ponto de vista litúrgico, é um manuscrito que nos dá uma perspectiva importante sobre alguns rituais cistercienses e também sobre as orientações da livraria na época, uma vez que o manuscrito reúne um conjunto de rituais que, num período anterior, nos aparecem integrados em manuscritos litúrgicos como os missais e os breviários.

Por fim, gostaríamos de sublinhar a pertinência da apresentação na *Invenire* do primeiro trabalho sobre este manuscrito iluminado, à guarda da Paróquia de Salzedas, pois vai ao encontro da missão da revista, dedicada ao estudo e à divulgação do património cultural e artístico da Igreja católica. ■

de brasão de armas portuguesas e espanholas, de regras, estatutos ou compromissos de irmandades ou confrarias, de livros de horas, de antifonários e de outros manuscritos iluminados. Sobre o coleccionador António Capucho, leia-se o pequeno «ensaio biográfico» escrito por uma das suas filhas, Luísa D’Orey Arruda, na obra *«António Capucho - Retrato do Homem Através da Colecção. Cerâmica Portuguesa do século XVI ao século XX»*, de Luísa D’Orey Arruda *et al.*, coordenação científica de Paulo Henriques, Civilização Editora, 2004, p. 5-11.

2. O ofício deu entrada nos serviços do Município de Tarouca em 14 de Maio de 2009, ficando registado sob o número 2840.
3. A Câmara Municipal de Tarouca despachou a questão na reunião de 18 de Maio de 2009, tendo aquele valor sido mobilizado no dia seguinte.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Luísa D’Orey *et al.* (2004) - *António Capucho - Retrato do Homem Através da Colecção. Cerâmica Portuguesa do século XVI ao século XX* (Coordenação científica de Paulo Henriques). Porto: Civilização Editora.
- BARREIRA, Catarina Fernandes (2015) - Questões em torno dos Ordinários do Ofício Divino de Alcobaça. *Imagens e Liturgia na Idade Média*. Lisboa: Secretariado para os Bens Culturais da Igreja. p. 111-132.
- BRAGANÇA, Joaquim Oliveira (2008) - *Liturgia e espiritualidade na Idade Média*. Lisboa: Universidade Católica.
- CARVALHO, Joaquim Félix de (2010) - *Pontifical de Luxo Brácaro-Romano. Ms 870 do Arquivo Distrital de Braga (1485 - 1516)*. Lisboa: Pedra Angular.
- GOMES, Saul (2007) - Uma paisagem para a oração: o Mosteiro de Alcobaça em Quatrocentos. *Paisagens Rurais e Urbanas - Fontes, Metodologias, Problemáticas. Actas das Terceiras Jornadas*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos. p. 19-56.
- (2006) - A Congregação cisterciense de santa Maria de Alcobaça nos séculos XVI e XVII: elementos para o seu conhecimento. *Lusitânia Sacra*. Lisboa: UCP. 2ª série, 18 (2006) p. 375-431.
- (2000) - Revisitação a um velho tema: a fundação do Mosteiro de Alcobaça. *Cister. Espaços, Territórios, Paisagens. Actas do Coló-*

- quio Internacional 16 a 20 Junho de 1998, Mosteiro de Alcobaça*. Lisboa: Ministério da Cultura e IPPAR. p. 27-72.
- GOMES, Saul (1998) - *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*. Lisboa: IPPAR.
- MARQUES, Maria Alegria (2008) - *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MELO, Arnaldo Faria de Ataíde (1930-32) - *Inventário dos Códices Alcobacenses*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 5 Vols.
- MERTON, Thomas (2012) - *The life of the vows: initiation in to the monastic tradition*. Kentucky: Cistercian Publications.
- SOUSA, Bernardo Vasconcelos, Dir. (2005) - *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento. Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte.
- PEREIRA, Isaías da Rosa (1997) - Dos livros e dos seus nomes. Bibliotecas litúrgicas medievais. *Signo. Revista de Historia de la Cultura Escrita*. Alcalá de Henares: Universidade de Alcalá de Henares. 4 (1997) p. 247-272.
- REIS, Frei Baltazar dos (1934) - *Livro da Fundação do Mosteiro de Salzedas*. Manuscrito do século XVII publicado por J. Leite de Vasconcelos. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VERNET, André (1979) - *La Bibliothèque de l’abbaye de Clairvaux du XII^e au XVIII^e siècle*. Paris: Editions du CNRS.

In benedictione moni-
aliū postquā cuculā vel
matellū dederit, benedicat
eas publice. Oratio:



Deus eternorū bo-
norū fidelissime
repromissor, certissime
per solutorū qui uestimē-
tum salutare & indumē-
tum eterne iocūditatis
tuis fidelibus promissi,
clementiā tuā suppliciter
exoramus: ut hoc indu-